

Entrevista com o DR. MITCHELL S. ROSENTHAL
por STANLEY L. ENGLEBARDT

Porque os Jovens se Voltam Para as Drogas

Um eminente psiquiatra americano discute o droguismo — o uso de substâncias químicas psicoativas para fugir ao confronto com a realidade — que hoje assume proporções catastróficas no seu país

P. Estudos recentes mostram que o uso das drogas deslocou-se dos guetos das grandes cidades para as zonas residenciais de alto poder aquisitivo, e até mesmo para as áreas rurais. Significa isto que está sendo perdida a batalha contra o vício da droga?

R. Sim, indiscutivelmente. O emprego indevido das drogas, hoje, nos Estados Unidos, é pandêmico, não poupando qualquer setor da sociedade. O vício da heroína, por

exemplo, era principalmente um problema dos guetos. Agora encontramos cada vez mais viciados em heroína entre adolescentes brancos, rapazes e moças da classe média. Mais significativo ainda é o número de jovens usando drogas psicoativas como o LSD, mescalina, anfetaminas, tranquilizantes e hipnóticos. O médico de uma universidade diz que, quando o jovem atinge a idade universitária, há 50% de probabilidades de que ele já tenha experimentado uma ou mais drogas que alteram o comportamento, e um em cinco usa-as regularmente.

P. Quer dizer que 20% dos universitários americanos são viciados?

O psiquiatra Mitchell S. Rosenthal é diretor da Phoenix House, de Nova York, instituição comunitária para viciados em drogas.

R. De modo algum. O que nos últimos anos atingiu a nossa sociedade é uma epidemia do que eu chamo de «droguismo» — o consumo habitual de drogas psicoativas como meio de fugir à realidade. Poucos dos que as usam se enquadram na definição médica do viciado. Não têm necessidade física da droga e não sofrem os sintomas fisiológicos da supressão quando param. Todavia, estes jovens estão tão doentes como se fossem fisicamente viciados em heroína.

P. Pode-se dizer que há diferentes graus de droguismo?

R. Alguns pais tentam estabelecer distinções entre as drogas. *Mas não há diferença.* Se uma menina de 14 anos chega em casa caindo de bêbeda, não faz qualquer diferença que ela tenha bebido cerveja ou uísque. Por que estabelecer, pois, linhas divisórias entre outras drogas modificadoras do comportamento?

P. Mas certas substâncias psicoativas não têm efeitos benéficos? Quando as drogas psicoativas apareceram, há cerca de 20 anos, foram recebidas como um grande progresso no tratamento de doenças emocionais. Já não é assim?

R. O uso de drogas psicomodificadoras teve um efeito espetacular nos hospitais de doenças mentais. As portas foram abertas, as barras das janelas foram retiradas e doentes puderam deixar algumas instituições pela primeira vez em décadas. Mas os doentes psicóticos não estavam sendo curados por estes medica-

mentos; estavam apenas sendo colocados em condição de serem mais receptivos ao tratamento e poderem funcionar em sociedade sem constituírem ameaça para si próprios ou para os outros.

Enquanto os psiquiatras reconheciam este fato, o público em geral — e muitos médicos — tomaram esses novos produtos químicos como meio de tratamento de uma grande variedade de problemas humanos. Começou assim uma corrida aos medicamentos psicoativos — a avó nervosa, a dona de casa preocupada, o homem de negócios angustiado, a noiva tensa, o adolescente gorducho, o motorista de caminhão sonolento, o estudante em véspera de exame. O que começara como um progresso químico no tratamento de doentes psicóticos hospitalizados transformou-se na busca de uma panacéia total. E o resultado direto dessa corrida é o droguismo de hoje em dia.

P. Com todo o nosso «know-how» científico e tecnológico, por que essa incapacidade de controlar o abuso das drogas?

R. Como Ira Mothner e eu explicamos no nosso livro *Drugs, Parents and Children* (Drogas, Pais e Filhos), as drogas fazem parte do frustrante emaranhado das tensões sociais do nosso tempo. Enquanto deploramos o uso ilegal da maconha pelos nossos adolescentes, permitimos a seus pais que obscureçam a realidade com o álcool. Enquanto tentamos mostrar aos jovens os perigos do consumo indiscriminado de pílulas, em casa

seus pais tomam anfetaminas, tranquilizantes e hipnóticos regularmente. Enquanto descrevemos os que usam heroína como depravados e criminalmente perigosos, apresentamos nos palcos, nas telas de cinema e da TV alcoólatras que são personagens divertidos e bonzinhos — embora viciados em álcool sejam responsáveis por mais violências e problemas sociais do que todos os viciados em drogas juntos.

P. Quem são os responsáveis pelo atual clima de droguismo?

R. Médicos têm parte da culpa. Inadvertidamente, tornaram-se os maiores fornecedores de drogas nos Estados Unidos. Em 1970, médicos deram 202 milhões de receitas de medicamentos psicotrópicos. No ano passado, o número chegou a 225 milhões — o bastante para «ligar» ou «desligar» cada homem, mulher e criança americanos durante mais de um mês. O número, este ano, será ainda mais elevado.

P. Mas os medicamentos receitados não são utilizados em problemas médicos específicos?

R. Com frequência, não. Duas de cada três pessoas que hoje consultam médicos não têm qualquer doença; a angústia ou o cansaço de que se queixam não podem ser relacionados com qualquer problema orgânico. Nenhum médico pode *melhorar* estes doentes, mas pode tentar fazê-los *sentirem-se* melhor, e receita um psicotrópico que dá ilusão temporária de bem-estar.

P. De vez que os médicos não são os únicos responsáveis pela

atual epidemia de droguismo, quem são os outros?

R. É rara a criança americana que não passou parte considerável dos seus anos de formação diante de uma TV ouvindo um interminável desfile de comerciais que associam uma vida boa e colorida com o uso frequente de medicamentos: «Quer sentir-se jovem? Tome um laxante. Não consegue dormir? Tome um comprimido. Está nervoso? Tome um analgésico e aguentará seja o que for.» A idéia é martelada sem parar: não é preciso preocupar-se com problemas humanos, porque na farmácia mais próxima, numa prateleira qualquer, há uma droga milagrosa, exatamente o que você precisa.

Evidentemente, não podemos pôr toda a culpa pelo droguismo na TV ou na publicidade, como não podemos lançá-la sobre os médicos ou sobre a indústria farmacêutica. *Todos* eles devem partilhar a culpa por um clima que diz: «As drogas são necessárias, são boas, e estão aqui para serem usadas quando quisermos mudar as coisas.»

P. O senhor apresenta um quadro sombrio do atual abuso das drogas nos Estados Unidos. Pode-se fazer algo para romper este círculo vicioso?

R. Começamos pelo que eu considero o fator mais importante — a venda de dezenas de milhões de comprimidos e cápsulas psicoativos legalmente receitados por ano. Estes medicamentos constituem perigo de várias maneiras. Formam

uma reserva que os jovens podem ir buscar sem grande dificuldade; criam e estimulam a dependência de drogas entre milhões de adultos e crianças em idade escolar; contribuem para um clima de uso e abuso da droga que diz aos garotos: «Não há problema em usar alguma coisa — qualquer coisa — para nos ajudar a vencermos as dificuldades e as atribulações deste nosso mundo velho e duro.» A menos que essa torrente seja controlada, será praticamente impossível romper o círculo do droguismo. Deve haver muito mais rigorosas restrições oficiais para fabrico de medicamentos psicoativos, de forma que o próprio dimensionamento da produção não crie um mercado para o consumo. Além disso, deve ser modificado o método de receitar esses produtos. Tem sido sugerido que a única solução seria tirar os psicotrópicos das mãos dos médicos em geral, pondo-os apenas à disposição de psiquiatras, de modo a serem receitados somente para problemas psiquiátricos.

P. Há algo que os pais possam fazer para afastarem os filhos das drogas?

R. É da maior importância, em casa, a atitude de que não se usam

drogas — comprimidos ou álcool — como meio de resolver problemas da vida. Jovens que crescem numa atmosfera de abuso de drogas estarão entre os primeiros a experimentarem maconha ou pílulas quando enfrentarem os seus próprios problemas. Se o problema das drogas surgir em sua casa, os pais devem estar preparados para fazerem valer a sua atitude. Não podem esperar que o droguismo «desapareça» com a idade e o amadurecimento. Devem usar imediatamente a autoridade paterna, proibir o uso de drogas e firmar a sua posição. O abuso de drogas tornou-se um problema tão desesperado nos Estados Unidos que milhares de jovens morrem ou ficam inutilizados anualmente.

Este mau emprego das drogas deve ser considerado como uma catástrofe nacional e tratado como tal. Necessário imediatamente é um programa maciço de controle — controle nas fontes de produção, controle na área médica, de onde se origina a maior parte dos comprimidos, e controle em casa, onde se cria o clima de droguismo e onde muitos pais falham na sua obrigação de coibir o abuso de drogas pelos filhos antes que seja tarde demais.



EU ESTAVA ajudando minha nora com o meu primeiro neto. Certa noite, dando banho no bebê, acariciei o seu pezinho e comentei com meu filho que fizera o mesmo com os dele, havia 30 anos, perguntando a mim própria que caminho eles haveriam de pisar.

«Pois é, mamãe, mas eu estou é perguntando que espécie de acelerador é que este pezinho vai pisar um dia.»

— G. H.